

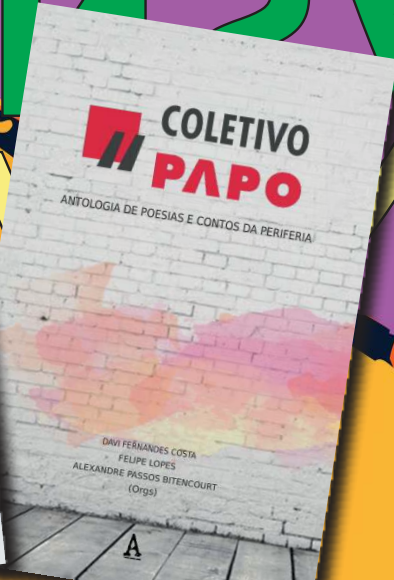
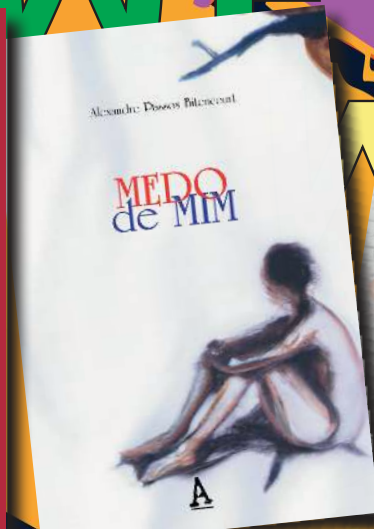
Revista

EVOLUÇÃO

ANSA L ENSAL MENSAL BIMESTRAL

W E W 2 V I
W E I A 2 K

LANÇAMENTOS



Filiada à
ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



PERIÓDICO CULTURAL
CIENTÍFICO E
TÉCNICO
N.º 2675-2573
© 2024 ABCB BRASIL



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano V - nº 53 - Junho de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaufneuf

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Antônio Ambriz Camuano
Constantino João Manuel
Daniela da Silva Souza Santos
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaqueline Irineu Holanda
Fernando Massi Argentino
Francisca Francineuma de Lima
Graziela de Carvalho Monteiro
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Jucira Moura Vieira da Silva

Maria Aparecida da Silva
Maria do Socorro Viana de Oliveira da Hora
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Monika Shinkarenko
Patrícia Hermínio da Silva
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker
Tania Aparecida Feitosa Medeiros
Viviane de Cássia Araujo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 53 (jun. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 174 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua a partir de 2020. Mensal até a edição 52.

Bimestral (a partir desta edição).

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.53

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.53>

A

São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Isac Chateaneuf

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

Vilma Maria da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaufneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

BIMESTRALIDADE

1. O USO DOS MÉTODOS ATIVOS COMO ESTRATÉGIA INOVADORA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ANTÔNIO AMBRIZ CAMUANO	13
2. O ENGAJAMENTO DAS IGREJAS NA LUTA CONTRA A CORRUPÇÃO EM ANGOLA CONSTANTINO JOÃO MANUEL	19
3. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DANIELA DA SILVA SOUZA SANTOS	25
4. A REPRESENTATIVIDADE DA GRAVURA E DA ESCRITA ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO	31
5. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	39
6. A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS PROFESSORES - UM INSTRUMENTO PARA A MELHORIA NA ACTUAÇÃO DOCENTE FERNANDO MASSI ARGENTINO	45
7. A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NO CAMPO EDUCACIONAL FRANCISCA FRANCINEUMA DE LIMA	59
8. ARTETERAPIA, LUDICIDADE E INCLUSÃO GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO	69
9. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA JANAINA PEREIRA DE SOUZA	77
10. PRÁTICAS DE LEITURA E LITERATURA QUE CONTRIBUEM PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	83
11. A REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL: E SUA DISCUSSÃO EM ÂMBITO EDUCACIONAL JUCIRA MOURA VIEIRA DA SILVA	89
12. A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR MARIA APARECIDA DA SILVA	99
13. A LITERATURA INFANTIL DESPERTANDO O PRAZER DE LER E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA MARIA DO SOCORRO VIANA DE OLIVEIRA DA HORA	105
14. O RESPEITO À DIVERSIDADE E AOS DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA MÁRIA GILMA DO NASCIMENTO AZEVEDO	115
15. REFLEXÕES DECOLONIAIS A RESPEITO DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MONIKA SHINKARENKO	123
16. A FILOSOFIA E AS MULHERES QUE FIZERAM PARTE DO AMOR PELO CONHECIMENTO PATRÍCIA HERMINIO DA SILVA	129
17. A IMPORTÂNCIA DOS DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	137
18. DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL SILEUSA SOARES DA SILVA	143
19. METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	149
20. A ALFABETIZAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE TANIA APARECIDA FEITOSA MEDEIROS	157
21. A AFETIVIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO	165

DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL

SILEUSA SOARES DA SILVA¹

RESUMO

Essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de demonstrar as formas de administrar a diversidade Cultural dentro da unidade Escolar, expressando-se nas diferentes formas de criação, produção, difusão e fruição das expressões culturais e entre as inúmeras formas de representação. É importante ressaltar que para o desenvolvimento dessa abordagem, é necessário ir além da constatação de contemplação e da mística que muitas vezes se faz em torno das diferenças existentes. Sendo assim, a escola é um dos principais meios de formação e não está neutra em relação à influência da cultura na aprendizagem dos alunos. Em uma sociedade em que a aparência possui grande destaque, a conexão entre visual e construção do saber, por meio do contexto social, ajuda a compreender a cultura como um mecanismo de ensino e a reconhecer o sujeito como detentor de uma identidade cultural relevante para a sociedade.

Palavra-chave: Cultura; Desenvolvimento; Práticas; Educativas; Sociedade.

INTRODUÇÃO

A palavra diversidade vem sendo empregada nos mais variados segmentos da sociedade, nos ambientes de trabalho, na televisão nos espaços de convivência, enfim em todo contexto social. Num tempo onde as transformações se processam a uma velocidade nunca antes vista, que as identidades se constituem múltiplas no espaço social, não abordar a temática da diversidade cultural no espaço educacional é permitir que a existência de diferenças entre os alunos possa levá-los a prática da intolerância, da discriminação, do constrangimento e muitas outras consequências do preconceito, ignorando uma realidade que subsiste a vontade desses ou daqueles.

O termo diversidade cultural torna-se relevante a partir do momento em que a escola desenvolve uma prática pedagógica, que procura

atender a sua clientela igualmente aos mais colaborativos, dos que apresentam formas diferenciadas de apropriação de conhecimento, dos que vem de famílias tradicionais e dos que se constituem de modelos diferenciados de formação familiar. Ao observarmos mais de perto percebemos que são muitas as diferenças: Religião (católicos, evangélicos, espíritas, umbandista, budista, judeus, etc), tipos físicos (Altos, baixos, gordos, magros, bonitos, feios, etc), raça (Branco, negro, índio, pardo) e entre outras diferenças. Com aquelas chamadas necessidades especiais portadoras de deficiências auditiva, visual, cadeirante, etc. As de orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual) e geracional (jovens, adultos, idosos). Hoje o grande desafio para os educadores é saber lidar com as diferenças culturais e sociais no meio educacional. A cultura é algo que identifica um grupo de pessoas,

¹ Graduada em Pedagogia e Geografia pela Universidade de Guarulhos, UNG. Pós Graduada em Psicopedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, PEIF, e Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

norteando o comportamento que foi interiorizado ao longo do tempo, através da educação que foi transmitida pelo ambiente familiar marcando as diferenças entre nós e os outros.

DIVERSIDADE CULTURAL: EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL

inclui o conhecimento sobre crenças, arte, moral, costumes e todos os outros hábitos adquiridos na vivência social. Recebido como uma herança dentro de um grupo, a cultura em que foi socializado, herança de um longo processo acumulativo vivenciado por inúmeras gerações. Mas como processo de vivência o homem se constituiu enquanto produto e produtor de seu meio, se constituindo e constituindo críticas de recebidos e aprendidos, o que lhes permite inovações, simbologias outras que formam possíveis perpetuações e existência o meio social. A cultura é variável no tempo e vai se transformando na vivência e no processo de comunicação e transmissão de sua existência. Elementos como modo de agir, vestir, caminhar, comer se alteram diante das novas necessidades constituídas entre as gerações, estas localizadas em um tempo e espaço de vivência, produzindo bem-estar para alguns e para outros uma metamorfose imposta e, portanto, de grande violência simbólica. Alguns grupos podem vir a sofrer com a cultura ou melhor, com a imposição de padrões e normas de vivência estabelecidas para com o outro. A escola é um local formado por uma população com diversos grupos étnicos, com seus costumes e suas crenças. Segundo Morin (2001, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Diante da diversidade de culturas dentro de diversas culturas é de competência do

professor, ter objetivos claros e resultados que pretendem alcançar com uma atividade para que os alunos tenham as mesmas oportunidades, mas com estratégias diferentes. O trabalho diversificado envolve atividades realizadas em grupos ou individualmente previamente planejadas ou de livre escolha por aluno ou professor. Salientando, que diversificar não significa formar grupos homogêneos com as mesmas dificuldades, mas a diversidade existente no grupo favorecerá a troca de experiência e o crescimento de cada um. Em função dessa perspectiva, pode-se dizer que o sistema educacional deve constituir-se de metodologias socializadoras, civilizatórias, de formação de sujeitos no nosso ponto de vista de se tornarem agentes de amparo e de proteção aos processos de normalização social. Para Vygotsky (2017), “as crianças são o resultado de suas experiências e da troca com o outro”. Para compreender seu desenvolvimento é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira que constroem significados. Nessa perspectiva, a educação funciona como instituição normalizadora dos padrões de sociabilidade, imprimindo e constituindo identidades sociais, objetivando desenvolver cidadãos críticos e influentes numa definida sociedade. A escola enquanto campo social produtor e reproduzidor de cultura se estabelece em lócus excepcional de um conjunto de atividades que de maneira sistemática continuada e ordenada, contesta pela formação primitiva da pessoa, situando-lhe frente ao mundo social. Conforme Perrenoud (2000, p. 90), aborda que enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar cada realidade social e cultural com a preocupação de traçar um projeto pedagógico para atender a todos sem exceção. Cabe a escola, lugar por dignidade de sistematização dos conhecimentos determinados pelo meio social, praticar e ampliar uma pedagogia de participação e de democracia, constituída no diálogo e na historicidade do ser humano, que compreenda conteúdos, metodologias, valores, costumes e

procedimentos dirigindo para concepção, solicitação e defesa dos direitos humanos, assim como para a sua retaliação em casos de violação. De acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006, p. 32):

A escola no âmbito específico de sua atuação, pode contribuir para a realização de ações educativas que visem fomentar/estimular/promover a cultura dos direitos humanos mediante o exercício de práticas educativas de promoção e fortalecimento dos direitos humanos no espaço escolar, ajudando a construir uma rede de apoio para enfrentamento de todas as formas de discriminação e violação dos direitos.

No que se refere a ideia de unidade e multiplicidade do ser humano, considera-se que o homem é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Para Morim (2001) existem duas tendências que envolve esta afirmativa: os que veem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas. Há uma série de práticas imediatistas e mecânica no interior da escola por falta de entendimento por parte dos professores em relação à interdisciplinaridade, mesmo sabendo da importância, têm dificuldades em traduzi-la em prática concreta e fundamentada. É preciso entender, também, que o conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social. Nesse sentido a interdisciplinaridade estimula a competência do educador, apresentando-se como possibilidade de reorganização do saber para a produção de um novo conhecimento.

No Brasil o termo raça é revisto com frequência, no campo das leis institucionais que regem o cenário político, democrático e social brasileiro, dando ênfase às temáticas como o mito da democracia racial, às desigualdades sociais existentes entre negros e brancos e, mais recentemente, discutindo o sistema de cotas raciais para a isenção do negro nas instituições de Ensino Superior Públicas e Privadas. A

temática do racismo vem passando por diversos segmentos atrelados ao contexto educacional brasileiro, tornando-se um amplo desafio para os professores da educação básica, no sentido de desenvolver um trabalho educativo, cujo objetivo seja desmistificar as possíveis causas do racismo brasileiro. Mas como discutir esta temática na sala de aula, levando-se em conta a ampla diversidade cultural presente na escola, além das distintas realidades sociais que cada aluno vivencia, mediante as relações estabelecidas não só no ambiente escolar, mas na família, grupos sociais e de gêneros, enfim, no dia a dia de cada sujeito, que participa de maneira ativa no meio social no qual está inserido. Em relação à construção da identidade negra no Brasil e sobre o racismo, acredita-se que é na escola o ambiente onde deveria ser combatido o preconceito racial e práticas racistas vivenciadas pelos alunos no meio social nos quais estão inseridos, de maneira ativa e participativa. A partir desta perspectiva, escola é o local de transformação, construção e propagação do conhecimento, onde este sistematizado através da ação docente de professores, contribuindo para uma formação discente voltada para as provocações e discussões acerca da temática do racismo, desmistificando determinados conceitos oriundos das vivências sociais deles, presentes em suas falas e ações cotidianas. Como superar a fragmentação do ensino da cultura afro-brasileira tão presente nas práticas pedagógicas cotidianas nas salas de aula dos Anos Iniciais do ensino fundamental, levando em conta que muitas vezes a própria visão que o professor demonstrar ter acerca da temática do racismo, das inúmeras situações relacionadas aos diversos tipos de preconceitos sociais o impede de desenvolver um trabalho educativo eficiente, voltado para a promoção de uma educação de qualidade, que respeite as diferenças étnico-raciais e culturais existentes entre os alunos, nos diferentes contextos sociais. As diferenças étnico-raciais existem em sala de aula e na sociedade. Ao levar essa temática em conta, a escola, a comunidade e a sociedade devem conscientizar que devemos tratar indivíduos com

direitos universais e com suas características individuais. Refletir sobre a escola e a diversidade cultural significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, aceitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, do processo educativo. A escola possui a vantagem de ser uma das instituições sociais em que é possível o encontro das diferentes presenças. É um espaço sociocultural marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores diversos. Essas possibilidades do espaço educativo escolar precisam ser vistas na sua riqueza, no seu fascínio. Sendo assim, a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas. Nós, profissionais da educação, somos profissionais da cultura e não de um padrão único de aluno, de currículo, de conteúdo, de práticas pedagógicas, de atividades escolares. Nesta perspectiva, o currículo escolar torna-se um instrumento poderoso de transformação social, na medida em que trabalham com os conteúdos escolares, abordando temas de natureza sociais diversificadas e transversais, onde através de um trabalho educativo inclusivo e integrado, respeitando às diferenças culturais, considerando suas crenças, valores, costumes, raças e a cultura social de cada grupo étnico presente no contexto social brasileiro, combatendo ações preconceituosas e racistas dentro da escola e nos diversos seguimentos da sociedade brasileira, oportunizando aos alunos uma educação, direcionada à valorização das relações étnico-racial, considerando o ensino da cultura das matrizes africanas e afro-brasileiras presentes no contexto social brasileiro. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Lei nº 10.639/03 diz na Resolução CNE/CP nº 01/2014 prevê no Artigo 3º que:

A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus

professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 03/200.

As discussões que acercam as políticas públicas voltadas para as afirmações das culturas e raças existentes na sociedade brasileira, em especial, a cultura afro brasileira e a indígena, contribuíram de maneira significativa para a inclusão das diversas outras culturas presentes no Brasil. Refletindo sobre este ponto e embasado nos referenciais teóricos, na escola, em especial, no espaço da sala de aula, o local propício para trabalhar não só as diversas culturais, mas a temática do racismo e os possíveis conceitos que as crianças trazem a despeito deste, considerando suas vivências, relações sociais estabelecidas na família, escola, nos grupos de amigos, além das interações entre os diversos grupos raciais presentes no meio social brasileiro. No Brasil as temáticas das relações raciais ou educação étnico-racial constituem-se em amplas polêmicas no cenário brasileiro, pois além de abordar assuntos como segregação e o preconceito racial de cor, dentro e fora das escolas, discute como o racismo vem contaminando o pensamento das pessoas e principalmente das nossas crianças, a partir das relações estabelecidas na escola, nos seguimentos sociais e nas comunidades e na família. A escola tem o importante papel de transformação da humanidade e precisa desenvolver seu trabalho de forma democrática, comprometendo-se com o ser humano em sua totalidade e respeitando-o em suas diferenças. Os afrodescendentes devem ser reconhecidos em nossa sociedade com as mesmas igualdades de oportunidades que são concedidas a outras etnias e grupos sociais, buscando eliminar todas as formas de desigualdades raciais e resgatar a contribuição dos negros na formação da sociedade brasileira e, assim, valorizar a história e cultura dos afro-brasileiros e africanos. Conforme as DCN para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2003, p. 5):

“Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para o negro.”

Para que realmente haja a construção de um país democrático, faz-se necessário que todos tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada, a começar pela escola que, infelizmente, continua desenvolvendo práticas preconceituosas detectadas no currículo, no material didático, nas relações entre os alunos, nas relações entre alunos, e não poucas vezes até professores. Outros fatores que atrapalham o andamento da Lei e o seu cumprimento são o despreparo e desconhecimento dos professores com relação à temática da cultura negra a alegação de pouco material didático produzido com respeito ao ensino da história e cultura dos afro-brasileiros e preconceito de algumas instituições de ensino. As dificuldades apresentadas são sempre as mesmas: a falta de material didático para o desenvolvimento dos temas e a ausência de cursos e especializações sobre a história da África. Os professores veem um grande desafio decorrente da necessidade de se desfazer os enganos que foram aprendidos sobre as culturas de origem africana, uma vez que foram ensinados a pensar na vida dos povos negros a partir da sua vinda ao Brasil, a fim de serem usados para o trabalho escravo. A originalidade de cada cultura reside na maneira particular como os grupos sociais resolvem os seus problemas ao mesmo tempo em que se aproximam de valores que são comuns a todos os homens e a todas as mulheres. Porém, o fato de possuímos valores comuns não nos torna

idênticos, pois continuamos a ter uma maneira própria de agrupar e excluir diferentes elementos culturais. Cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados.

Os negros muito contribuíram para o crescimento da economia do país, mas não somente nessa área: a cultura negra se proliferou em diversos setores da sociedade. E, por isso, existe uma urgência em se observar e estudar as relações entre os diferentes grupos da sociedade brasileira, e em vivenciar as culturas africanas e afrodescendentes como realidades cotidianas. Entretanto, aos professores de educação superior fica a grande busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento de matérias específicas sobre a cultura afro-brasileira, bem como a responsabilidade de formar docentes que transmitam aos seus futuros alunos todo o conhecimento relativo à temática do povo negro. Na verdade, o saber intelectual ou acadêmico não é suficiente para capacitar professores, mas principalmente a discussão de experiências pessoais que foram construídas ao longo de muitos anos e que, agora, devem ser tomadas como prática de ensino, havendo por parte do docente uma predisposição em querer encarar o problema. Outra dificuldade enfrentada na implementação da lei é a questão do material didático. Ele existe, no entanto, não é adotado devido a questões políticas e ao desinteresse e despreparo de quem adquire o material. Na grande maioria das vezes, o material específico não é adotado porque muitos dos responsáveis pela educação não obtiveram formação sobre a história da África, e boa parte dos professores ainda está em processo de aprendizagem. Diante dessa realidade, cabe a eles mesmos procurarem informações sobre os conteúdos a serem ministrados. Este se torna um trabalho dificultoso para os professores, uma vez que haveria uma sobrecarga de atividades, pois eles têm um conteúdo a cumprir e um livro didático a seguir durante o ano letivo. Muitas vezes, esse professor não faz questão de consultar outras

referências bibliográficas e nem mesmo buscar mais informações, seja por desinteresse, seja por despreparo afinal, eles não podem ensinar aquilo para o qual não foram instruídos, porém vale ressaltar que o docente não passa o que aprendeu somente por livros. As vivências e as experiências fazem parte desse processo de construção de conhecimento para o docente. Por outro lado, há os materiais não específicos. São os livros de Literatura que podem ser explorados pelo rico conteúdo que naturalmente trazem em si. Os estereótipos são fontes de dor e tristeza, pois exploram aspectos negativos, deformados e distorcidos do negro, levando-o a ser percebido somente pela modelação desse mesmo estereótipo.

CONCLUSÃO

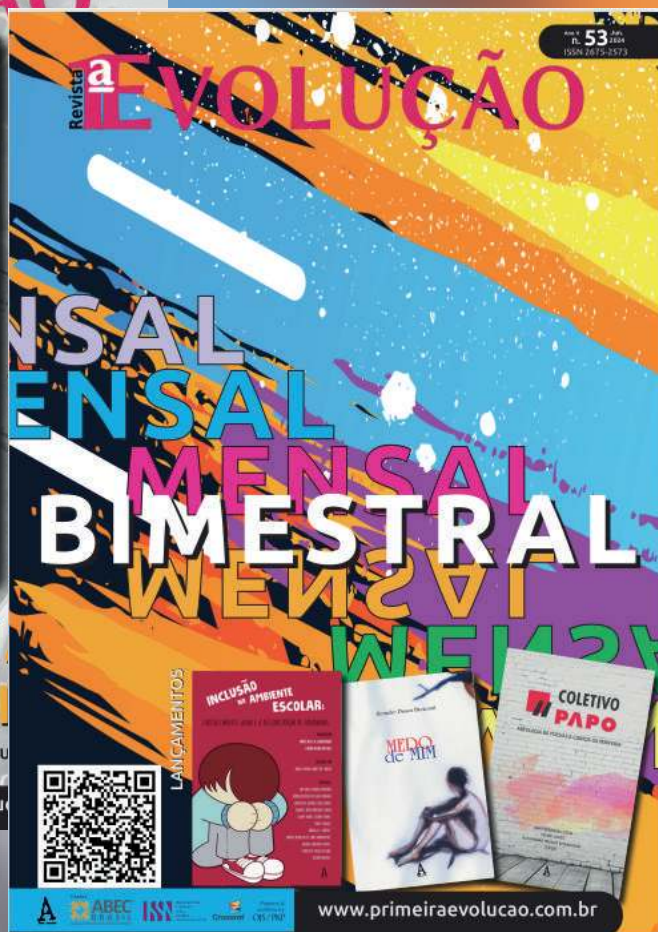
O trabalho com a diversidade está ligado à proposta de inclusão, que emerge como um grande desafio para a educação, pois, pensar em inclusão pressupõe uma série de fatores, principalmente os que dizem respeito aos alunos. O papel da escola não é protagonizar apenas um ato de leitura e de escrita. Dialogar também sobre a diversidade significa assumir um protagonismo para promover o entendimento à sociedade sobre as diferenças culturais, sociais e políticas. A escola é um espaço democrático onde a todos devem respeitar e entender a natureza da diversidade que compõe a sociedade. Há séculos a sociedade vem de um passado de emudecimento em relação à diversidade no Brasil. Os PCNs preocupam-se em estabelecer temas transversais para que, na prática, a escola, conforme seu contexto possa incluir nos seus currículos a diversidade. Esse tema, no currículo e na prática escolar, deve ter em vista a formação de alunos como cidadãos para decidir e se posicionar diante das decisões que precisam tomar para, assim, intervir na sociedade.

Portanto espera-se que professores e escolas possam confrontar a história do povo negro com a realidade brasileira, formando

indivíduos pensantes e flexíveis, capazes de entender e desconstruir a partir de discussões e debates sobre obras literárias boa parte do racismo e da discriminação.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Adline Silva. SILVA; Fabiana Cristina. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**: repercussão da Lei 10.639 nas escolas. Petrolina: Moderna, 2001
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira**. Brasília: MEC, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1992
- GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal.1992. p. 21, 70.
- MUNANGA, K. (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: USP; Estação Ciência, 1996.
- RCNEI** – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – Brasil, 1998.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Cortez, São Paulo, Brasil 2001
- MUNANGA, K. (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: USP; Estação Ciência, 1996.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 2ª edição São Paulo: Martins Fontes, 1989.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.53>

ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

António Ambriz Camuano
Constantino João Manuel
Daniela da Silva Souza Santos
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda
Fernando Massi Argentino
Francisca Francineuma de Lima
Graziela de Carvalho Monteiro
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Jucira Moura Vieira da Silva
Maria Aparecida da Silva
Maria do Socorro Viana de Oliveira da Hora
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Monika Shinkarenko
Patrícia Hermínio da Silva
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker
Tania Aparecida Feitosa Medeiros
Viviane de Cássia Araujo



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

